

Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em Portugal: um Estudo de Caso¹

Learning to play outdoors in a kindergarten in Portugal: a Case Study

Carla Martins²

Ivone Neves³

Resumo

O presente trabalho é o resultado da pesquisa desenvolvida no âmbito do estágio profissionalizante do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, que foi realizado na Escola Superior de Educação Paula Frassinetti (Porto). Essa pesquisa tem como objetivo perceber de que modo as crianças desenvolvem as suas capacidades, através das brincadeiras no espaço ao ar livre, bem como compreender de que forma os educadores privilegiam situações e experiências com a natureza, permitindo a exploração livre e conduzida, para promover o desenvolvimento das crianças em vários níveis. O presente estudo é sobre o brincar ao ar livre no jardim de infância, caracterizando-se como uma investigação-ação. Dessa forma, as entrevistas com os educadores de infância, a discussão focada nas crianças, e os registos de observação foram coletados de modo a dar resposta ao estudo. Os dados evidenciam que os profissionais da educação promovem momentos de brincadeira ao ar livre, como um meio essencial de aprendizagem. Da mesma forma, as crianças avaliam brincar ao ar livre como momentos de satisfação, liberdade e partilha.

Palavras-chave: Brincar. Natureza. Aprendizagem.

Abstract

The present work is the result of the research developed in the scope of the professional internship of the Master in Pre-School Education and Teaching of the 1st Cycle of Basic Education, which was held at Escola Superior de Educação Paula Frassinetti (Porto). This research aims to understand how children develop their abilities, through playing in the open air space, as well as to understand how educators privilege situations and experiences with nature, allowing free and conducted exploration, to promote the development of children at various levels. This study is about outdoor play in kindergarten and is characterized as an investigation-action. Thus, interviews with kindergarten teachers, discussion focused on children, and observation records were collected, in order to respond to the study. The data show that education professionals promote moments of outdoor play as an essential means of learning. Similarly, children evaluate outdoor play as moments of satisfaction, freedom and sharing.

Keywords: Playing. Nature. Learning.

¹ Dissertação do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, orientado pela Doutora Ivone Neves, com a defesa em 17.07.20.

² Mestre em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico pela Escola Superior de Educação Paula Frassinetti (ESEPF), Porto, Portugal. <https://orcid.org/0000-0002-2852-5832>. E-mail: carlamartins97@hotmail.com

³ Doutora em Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Porto e mestre em Educação Multicultural e Envolvimento Parental pela Universidade do Minho (UM), Braga, Portugal. Professora na ESEPF. <https://orcid.org/0000-0002-1023-042X>. E-mail: ivone Neves@esepf.pt

1 Introdução

Neste estudo, consideramos que brincar é uma ferramenta muito importante e necessária, durante o processo de desenvolvimento das crianças. Por isso, salientamos os principais objetivos das brincadeiras ao ar livre para o seu desenvolvimento. Quando elas se encontram envolvidas no ato de “brincar”, desenvolvem a inteligência e aprendem progressivamente a representar simbolicamente a sua própria realidade. Atualmente, o brincar deve assumir uma enorme importância, cabendo aos adultos o papel de proporcionar momentos de brincadeira social espontânea ou brincadeira dirigida, com a finalidade de promover um desenvolvimento global nas crianças.

Dessa forma, para o desenvolvimento do estudo, definiu-se que os principais objetivos teriam como base: perceber qual o impacto da brincadeira ao ar livre no seu desenvolvimento global; entender como as crianças percebem o brincar ao ar livre e saber se os educadores valorizam os seus momentos de brincadeiras. Na mesma linha de pensamento, Hohmann, Banet e Weikart (2011) defendem que o brincar para as crianças se caracteriza como sendo agradável, espontâneo, criativo e imprevisível. Outro aspecto de destaque é que o brincar se torna um meio de a criança se desenvolver e realizar conquistas e aprendizagens de forma informal e espontânea.

Os mesmos autores citados referem o sentido prazeroso da brincadeira definindo que esse ato “é para as crianças fonte de profunda satisfação, desafio, prazer e recompensa” (HOHMANN; BANET; WEIKART, 2011, p. 87), ainda assim, Vygotsky (1984) não defende só a importância do brincar para o desenvolvimento, mas também para a construção do pensamento da própria criança e, por isso, deve fazer parte integrante da infância. Entendemos que o brincar é fundamental na vida da criança, seja no nível cognitivo, socioafetivo, psicomotor e também, na própria linguagem.

No mesmo ponto de vista dos autores, salienta-se que, enquanto as crianças brincam, estão a realizar algo que realmente gostam, o que possibilitará uma mais-valia para o educador, uma vez que ela estará mais motivada e ativa na sua aprendizagem. Além disso, enquanto brincam, “fundamentam a brincadeira na necessidade de retirar e construir significado das suas próprias vidas e necessitam utilizar todos os seus sentidos para descobrir o mundo e as coisas que o compõe”. (HOHMANN; BANET; WEIKART, 2011, p. 87).

Numa parte inicial, tornou-se importante definir uma pergunta de partida, de modo a iniciar este estudo dando resposta, através dos objetivos definidos anteriormente. Dessa forma, a questão, quais as aprendizagens que a criança desenvolve, quando está

em contato com o espaço exterior, tem como intenção buscar a informação pertinente sobre a visão que, tanto os educadores como as crianças do jardim de infância percebem a importância das brincadeiras ao ar livre.

Brincar é a fonte principal de desenvolvimento, contendo todas as tendências evolutivas de uma forma condensada e, por si só, medeia a aprendizagem da criança (VYGOTSKY, 1978, p. 102). Os educadores preconizam a brincadeira como a estratégia mais valiosa para a aprendizagem, uma vez que as crianças necessitam criar ambientes divertidos e estimulantes, de modo a promoverem atividades práticas e descobrir recursos interessantes.

A análise dos dados foi realizada, tendo em consideração as ideias das crianças acerca do brincar, realizadas ao longo da investigação, mas também o que a educadora cooperante e as educadoras do Forest School partilharam, durante as entrevistas. Para tal, foi realizado um estágio profissional na cidade do Porto, numa instituição de jardim de infância, tendo como base a coleta de dados necessários para uma perspectiva sobre essa realidade.

2 O brincar e os desafios na contemporaneidade

Em grande parte dos jardins de infância observa-se que as crianças têm pouco tempo para brincar, uma vez que esses momentos acontecem depois das atividades, consideradas pelos educadores como mais importantes para o seu desenvolvimento. Tais momentos devem ser entendidos como um direito e necessidade da criança e não como uma recompensa pelo esforço e trabalho realizado.

Na perspetiva de Ferreira (2010, p. 12), ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito, relacionadas à formação pessoal e social, à expressão e comunicação e ao conhecimento do mundo. Dessa forma, os momentos de brincadeiras permitem, também, ao educador, observar o desenvolvimento das mesmas em todos os níveis, por isso ele deve estar extremamente atento às mesmas, uma vez que poderá existir a ideia errada de que, pelo fato do brincar ser livre e depender da criança, não demanda observação, registo e nem planeamento. No entanto, “para que o brincar tenha qualidade, é preciso um intenso planeamento do ambiente educativo, e essa é justamente a função das instituições de educação infantil”. (KISHIMOTO, 2010, p. 4).

Além da organização do espaço educativo, é muito importante o papel ativo do educador nessa observação e no planeamento das brincadeiras, tentando perceber de que modo e quais poderão ser de mais-valia para a sua aprendizagem e para o seu desenvolvimento. Assim, o planeamento e a dinamização das

brincadeiras no espaço ao ar livre “exige que o educador reflita sobre as suas potencialidades e que a sua organização seja cuidadosamente pensada”. (SILVA *et al.*, 2016, p. 27).

O educador poderá utilizar diversas estratégias pedagógicas que deverão adaptar-se às necessidades e aos interesses das suas crianças, permitindo-lhes experiências de qualidade e enriquecedoras. Dessa forma, o brincar torna-se uma forma de fortalecer a cooperação, as relações sociais e um forte mediador do ensino-aprendizagem, uma vez que o educador poderá beneficiar os momentos de ludicidade para transmitir e desencadear novos conhecimentos, como coloca Oliveira-Formosinho (2011, p. 120):

O ambiente físico das escolas para a infância de Reggio Emilia é o objeto de uma especial atenção de forma a promover interação social, a aprendizagem cooperativa e a comunicação entre todos.

Quer-se, com isso, afirmar que espaços educativos devem ser uma prioridade educativa. Devem, por isso, como salienta a autora, ser devidamente organizados e pensados, para que se desenvolva uma aprendizagem cooperativa entre todos os elementos que integram a comunidade educativa.

No que diz respeito ao espaço exterior, ele requer, igualmente, um planeamento, assim como o espaço interior, podendo ter até maior importância para novas aprendizagens, uma vez que permite realizar uma diversidade de experiências pedagógicas. Nesse espaço, devem existir diversos materiais naturais com os quais as crianças têm contato diariamente “zonas de sombra, de solo irregular e terreno uniforme, zonas com água e areia e outros materiais”. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2011, p. 120).

Debruçando-nos nos modelos pedagógicos que defendem uma pedagogia ativa, o modelo High/Scope evidencia que as brincadeiras ao ar livre são mais do que meras atividades lúdicas. Através desses momentos, as crianças apropriam-se do mundo envolvente e descobrem a si e a outros:

A realidade do jardim de infância contamina-se e contamina a realidade envolvente. O jardim de infância apoia a entrada da criança no mundo, no seu mundo, permite-lhe comunicá-lo e experienciá-lo. (OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2011, p. 85).

Um outro modelo pedagógico que igualmente defende a aprendizagem ao ar livre, intitula-se de Forest School. Surgiu em Portugal, como sendo um movimento da Escola da Floresta e os seus objetivos são: permitir a promoção da interação e espírito de interajuda e de grupo; melhoria da relação com o outro; autoavaliação das próprias capacidades e valorização da autoconfiança; uso e desenvolvimento da criatividade; tomada de

consciência da relação homem-natureza; respeito pelos outros e pelo meio ambiente; aumento da resistência física e do sistema imunitário e uma maior alegria e bem estar (FRANCO, 2018). O fato de se possibilitar às crianças o contato direto com a natureza, faz com que possam descobrir o mundo que as rodeiam, onde podem ganhar uma autoconsciência e também adquirir aprendizagens sobre a preservação da mesma.

Na mesma perspectiva Barbieri (*apud* COCHITO, 2016, p. 95), refere que,

[...] a natureza traz em si desafios físicos e estéticos que mobilizam as crianças a se aventurar. A lama, a areia e as pedras, seus formatos e cores, seus pesos, temperaturas; as plantas, suas folhas, sementes, troncos e talos, raízes com diferentes texturas, cheiros, cores e tamanhos; e os animais que habitam esses lugares: os insetos com seus ruídos peculiares, suas cores e formatos; os diferentes relevos, as topografias: rios montes, barrancos, planícies.

Através desse contato, é possível desenvolver as diferentes estimulações de sentidos, como por exemplo:

[...] o olfato, tato, paladar, visão e audição, o contacto com os quatro elementos da natureza - terra, fogo, água e ar, a aproximação com a fauna e a flora local, a exploração das capacidades e habilidades motoras (subir em árvores, cavando, escalar, correndo, etc.), exercícios para a autonomia, socialização. (COCHITO, 2016, p. 97).

No mesmo ponto de vista, Hanscom (2018) salienta a importância da ligação com os objetos da natureza, referindo que esses inspiram as crianças a usarem a sua imaginação, a desafiar o seu pensamento e a testar os seus limites físicos, transmitindo uma verdadeira alegria, sentido de brincadeira e confiança. Essa mesma autora relembra aos pais o quão é importante o contato com a natureza, advogando que:

Enquanto a criança anda, inclina a cabeça para ouvir o passarinho e sente uma brisa ligeira na pele. Anda descalça, oferece um feedback sensorial enorme aos arcos dos pés, dando-lhe uma boa noção de onde os seus pés estão em relação ao resto do corpo. Ouvir os pássaros a chilrear ajuda-nos a orientar-se relativamente aos outros seres. A brisa ligeira mantém-nos alerta, e o calor do sol conforta-os. (HANSCOM, 2018, p. 99).

É, portanto, possível ultimar que a natureza oferece inúmeras experiências às crianças, enquanto essas estão em contato com a mesma. Sérgio Pellis, um investigador na Universidade de Luthbridge, em Alberta, no Canadá, concluiu que a experiência de brincadeira altera as ligações entre neurónios na região mais frontal do cérebro. Sem experiências de brincadeira, os neurónios não sofrem alterações. A

natureza torna-se intrinsecamente terapêutica na vida, estimulando todos os seus sentidos, ajudando numa boa integração sensorial. Adam Alter, professor assistente de Marketing e Psicologia na Stern School of Business, da Universidade de Nova Iorque caracteriza a natureza como uma fonte de calma: “A natureza restaura a função mental da mesma forma que a água e comida restauram o corpo.” (ALTER, 2013).

Constata-se ainda que, no ato de brincar, é possível, explorar e refletir sobre a realidade e a cultura, na qual a criança está inserida e, à medida que a interioriza, questiona e assimila as suas regras e os diferentes papéis sociais. É principalmente, através do jogo simbólico que desenvolvem grandes aprendizagens na área da casinha, ao brincar ou faz de conta, visto que desenvolvem vários papéis, principalmente em nível social. É, através da brincadeira, que as crianças utilizam a sua imaginação e ultrapassam a realidade. Além disso, quando estão em momentos de brincadeira e em ligação com materiais, esses só têm resultados, se forem uma fonte de “motivação intrínseca da criança” (GOMES, 2010, p. 46), ou seja, não basta só inserir um determinado brinquedo numa atividade, o brinquedo deverá ser formado pela própria criança.

A aprendizagem deve também incluir atividades sensoriais, pois são essas atividades que mais despertam interesse nas mesmas, e “[...] criam oportunidades para a construção do conhecimento, baseado na experiência própria da criança, acreditando que as crianças são aprendizes ativos”. (MÁXIMO-ESTEVEVES, 2008, p. 16).

Como já foi salientado, os espaços ao ar livre são de demasiada importância na vida de uma criança, porque é em contextos assim que:

As crianças podem sentir a textura do relvado, das folhas, da madeira, da terra e das flores. Ouvem o som dos pássaros, do vento, da vida, cheiram os aromas do jardim aromático e sensorial. (MÁXIMO-ESTEVEVES, 2008, p. 17).

As crianças podem desenvolver toda a sua parte sensorial, quando brincam ou realizam atividades em espaços exteriores. Além disso, ao brincarem ao ar livre a abordagem sensoriomotora é valorizada e, dessa forma,

[...] favorece a descoberta e a exploração, as crianças podem transportar, empurrar, atirar objetos, movimentando-se livremente, resolvendo e ultrapassando problemas com que se deparam, durante o jogo educativo. (MÁXIMO-ESTEVEVES, 2008, p. 17).

No que se refere ao papel da criança na organização desses espaços, é de se salientar que se considera “a criança um aprendente ativo em todo o seu ser, uma

vez que, as crianças aprendem de forma holística, de forma integrada”. (MÁXIMO-ESTEVEVES, 2008, p. 17). É visível que, quando estão realmente integradas e a realizar aquilo que gostam, a sua aprendizagem é muito mais ativa e com maior rendimento, porque além de fazer com que ela adquira o conhecimento, é necessário criar o ambiente e o espaço, para que tal aconteça, visto que: “A criança só aprende, quando sente, quando experimenta, quando explora, quando age, quando concretiza e quando reflete”. (MÁXIMO-ESTEVEVES, 2008, p. 18).

São vários os autores que identificam inúmeras vantagens da aprendizagem, através do brincar no espaço ao ar livre. Willoughby (2014) refere que muitos/as adultos/as recordam esse tipo de experiências como algo “mágico” e inspirador, que os/as conectou, profundamente, aos espaços exteriores e à natureza.

Byrne (2010) defende, também, que os seres humanos têm uma predisposição genética para valorizar e procurar ambientes naturais desde a infância, acontecimento que se denomina de biofilia. Também Correia (2013) que realizou um estudo intitulado de “A brincar e a aprender”, em que o principal objetivo era alertar para o valor do brincar em idade jardim de infância, concluiu que, através do brincar, as crianças desenvolvem inúmeras competências, sendo que o brincar auxilia a criança no seu desenvolvimento integral, designadamente, a sua imaginação, criatividade, concentração e regras de socialização.

3 Fundamentos teórico-metodológicos

De modo a obter as respostas necessárias para esta investigação, tornou-se importante definir instrumentos que permitissem, tais como: registos de observação que serviram para dar resposta ao comportamento das crianças, quando se encontravam em contato com o exterior; entrevistas semiestruturadas com o objetivo de compreender de que forma as educadoras percebem e planejam as brincadeiras ao ar livre e, por fim, discutir a intenção de dar voz às crianças e compreender de que modo o brincar é importante no seu dia a dia.

Segundo Clark e Statham (2005), torna-se fulcral reunir todos os dados recolhidos, que deverão ser tratados com o intuito da informação recolhida ficar organizada para uma fácil avaliação e posterior reflexão.

Sendo assim, foram analisados os dados, através de instrumentos metodológicos e registos de observação. De acordo com Parente (2010, p. 34), seja qual for a estratégia e procedimentos adotados, a observação é central para a avaliação das aprendizagens das crianças na educação de infância.

Uma vez que a avaliação é um elemento do progresso da criança, é importante que o educador assuma um papel ativo, de modo a observar e a avaliar as aprendizagens do grupo. Segundo Vale (2013), a observação é a melhor técnica de coleta de dados do indivíduo em atividade, pois, compara aquilo que diz ou que não diz, com aquilo que faz.

Outro instrumento utilizado, foram as entrevistas semiestruturadas. Sousa e Baptista (2011) consideram-nas como um método de coleta de informações que consiste em conversas orais, individuais ou em grupo. Por isso, de forma a dar resposta aos objetivos propostos nesta investigação, foram realizadas três entrevistas. As entrevistadas são duas educadoras com seus projetos, relacionados com a natureza e que falam acerca de toda a importância do brincar ao ar livre, e outra entrevistada foi a educadora cooperante.

Desse modo, codificaram-se categorias analíticas de cada acontecimento narrado, organizando-se em três blocos:

- Percepção da forma como os profissionais conciliam os momentos da atividade curricular com o brincar;
- Percepção de como a brincadeira pode ser meio de aprendizagem;
- Percepção de como o brincar ao ar livre pode servir de motivação para a aprendizagem das crianças.

Assim, com o intuito de completar os registos de observação e as entrevistas das educadoras, foram realizadas discussões focadas, com o grupo de crianças, acerca da importância do brincar. Segundo Bagnoli e Clark (2010), o focus group corresponde a uma técnica de pesquisa que recolhe dados, através de uma interação em grupo, com questões propostas pelo investigador. Trata-se de uma das técnicas, cada vez mais utilizadas por investigadores, que destacam a sua importância com crianças, substituindo outras técnicas mais convencionais que se distanciam bastante da realidade. Ainda no mesmo ponto de vista,

[...] o *focus group* é essencialmente utilizado em investigações que visam compreender a visão dos participantes, em relação a algum tema específico, através das suas palavras, comportamentos e reações. (MORGAN, 1997, p.28).

Para a discussão, foram organizadas questões orientadoras, de modo a dar resposta ao estudo, questões inseridas nos objetivos principais deste estudo, tais como:

- De que modo a criança define o brincar no jardim de infância?
- Qual o objetivo que a criança atribui ao brincar?

- Quais as brincadeiras que realiza?
- Em que espaço a criança mais gosta de brincar?
- Quais as brincadeiras que gostaria de realizar ao ar livre?
- O que valoriza mais ao ar livre?

Importa referir que esta investigação está relacionada com questões que abordam o ponto de vista das crianças acerca do brincar ao ar livre no sentido de perceber a abordagem desse grupo, na importância desse tema. As questões direcionadas às crianças baseiam-se sobretudo em perguntas diretas e não de caráter muito descritivo.

Para a concretização dos objetivos, foi desenvolvido um Estudo de Caso, no âmbito do estágio do mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1º Ciclo de Ensino Básico com um grupo de crianças, em idades entre os 3 e 4 anos, num jardim de infância, na Instituição Particular da Segurança Social (IPSS), situada na cidade do Porto.

Para este estudo e, uma vez que toda esta investigação parte da aprendizagem na natureza, foram entrevistadas duas educadoras (E1; E2) que desenvolveram dois projetos individuais. Tais projetos possibilitam o desenvolvimento de todas as atividades na natureza: “Play- brincar para crescer” (E1) e “Brincar fora de portas” (E2) foram realizadas duas entrevistas, com o objetivo de entender a importância do desenvolvimento das crianças, ao realizarem atividades ao ar livre e contactar com a natureza.

De acordo com Neves (2016),

[...] o Estudo de Caso permite ao investigador focalizar a sua pesquisa em uma problemática emergente, e sendo centrado em um contexto educativo específico, permitirá captar a sua complexidade enquanto sistema delimitado e integrado, cujos limites nem sempre são fáceis de entender. (NEVES, 2016, p. 16).

Essa pesquisa visa dar voz às crianças e aos profissionais de educação acerca das práticas pedagógicas que assentam no jardim de infância, bem como a importância atribuída ao ato de brincar no quotidiano das crianças.

Salienta-se, ainda, que esse estudo foi realizado, através da investigação-ação, em que Mckerman (1998, *apud* MÁXIMO-ESTEVES, 2008) define como: “um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal”.

Os dados recolhidos nessa investigação são qualitativos, uma vez que existem dados com pormenores de caráter descritivo, relativo a um grupo de crianças e ao espaço. Desse modo, os objetivos a investigar não se

estabelecem mediante variáveis, mas sim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16). No mesmo ponto de vista, Flick (2009, p. 37) refere que “a pesquisa qualitativa se dirige à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas nos seus contextos locais”.

As respostas dos entrevistados, referentes aos três objetivos iniciais, foram cruzadas com os registros de observação e com as respostas da discussão, para que a interpretação dos dados siga uma linha de esclarecimento, para as questões que procuramos desenvolver, ao longo da investigação. Desse modo, estamos perante a triangulação de dados, que nos permite estabelecer ligações, relações e comparações entre os diferentes dados coletados, através dos vários métodos. Dessa forma,

A triangulação é uma das técnicas mais comuns da metodologia qualitativa. O seu princípio consiste em recolher e analisar os dados, a partir de diferentes perspectivas para os contrastar e interpretar. (AIRES, 2011, p. 55).

Na mesma perspetiva, para Sousa e Baptista (2011, p. 70), é importante o recurso em várias fontes de informação e cruzar o seu conteúdo, de modo que várias fontes relatem o mesmo acontecimento e proveem a sua veracidade.

4 Resultados e discussão

De modo a dar resposta aos objetivos definidos, procedemos à análise e à interpretação dos resultados da investigação. Segundo os resultados obtidos, observa-se que existe uma elevada carência por parte das crianças, no que se refere a atividades ao ar livre, atividades em que podossam contactar com a natureza.

Primeiramente, no que se refere à instituição da valência de jardim de infância, ao grupo de questões relativas à definição de brincar, realizada através da discussão. Foi questionado às crianças como definiam o brincar, no qual elas salientaram brincadeiras que mais gostavam de realizar, situações de brincadeira livre e lugares, onde gostavam de estar. Mediante as respostas obtidas pelas crianças, podemos afirmar e, assim, ultimar que elas elucidam o brincar como momentos de atividades em grupo, em lugares, onde mais gostam de estar, brincando no que mais gostam, sendo algo em que crianças mais sentem prazer diariamente.

Um outro ponto, muitas vezes salientado pelas crianças, é o brincar com os amigos. Brincar com os colegas torna-se de elevada importância para elas, um apoio para o seu processo de desenvolvimento e para

partilha de experiências. Ferreira, Misse e Bonadio (2004, p. 193) elucidam que encontrar um/a amigo/a ou fazer amigos/as pode ser visto como uma forma de se criarem proximidades afetivas e sociais, convergindo na partilha de significados e entendimentos comuns, tornando o mundo do JI simultaneamente previsível e transformável.

Ainda, através da discussão com esse grupo, eles caracterizam o ato de brincar como situações do seu quotidiano: “Quando brinco nas construções e na casinha” (C1, 2019); “Quando brincamos às escondidas nos pneus, a L. fecha os olhos e vê onde eu estou” (C3, 2019); “Gosto muito, porque brincar é quando brincamos com amor.” (C4, 2019).

Complementando, o momento de discussão concretizado com as crianças permitiu perceber que existe uma grande carência, no que se refere à exploração do espaço exterior, quando, na hora da discussão elas salientam que: “Eu queria ir ao quintal e ver o que lá tem” (C2, 2019); “Podíamos fazer uma caça ao tesouro” (C3, 2019). Uma vez mais, o espaço ao ar livre é referenciado pelas crianças como o local preferido para as suas brincadeiras, onde mencionaram diversos materiais que gostariam de possuir para as suas atividades serem ainda mais divertidas.

Relativo à última questão, a importância do brincar na natureza, as crianças destacaram que gostariam de experimentar novos materiais, referindo até uma ida ao jardim da Instituição para a exploração de novos materiais. Realça-se que as crianças evidenciam materiais de caráter natural para brincar e não se referem a materiais ou a espaços que têm acesso no seu dia a dia. É, também, notório o entusiasmo que sentem, quando se referem a novas brincadeiras ao ar livre e exploração de novos materiais. Resumindo, para as crianças, brincar é saltar, correr, estar com os amigos, explorar novos materiais e novos espaços. Todo o grupo salienta que gosta de brincar, preferindo fazê-lo ao ar livre. Concedem, também, exemplos de aprendizagem, quando brincam com os seus colegas na escola e salientam que, em casa, existem momentos de brincadeira com os pais. Dessa forma, e, através desse instrumento, foi possível responder ao objetivo que se refere às perspectivas da criança relativo ao brincar e as suas aprendizagens ao ar livre.

Após serem escutadas as sugestões das crianças e aquilo que gostariam de realizar fora da sala, a investigadora definiu com elas algumas atividades ao ar livre, de modo a perceber as suas reações. Foi proposto na visita ao exterior, que recolhessem todos os materiais naturais que tivessem interesse em levar para a sala. Durante esse momento, foi possível atentar a alguns comentários das crianças que demonstravam o seu

entusiamos, tais como: “Estas coisas vão ser muito engraçadas” (C2, 2019); “Vamos fazer as colagens mais giras” (C5, 2019); “A colagem vai ficar mais bonita com isto” (C1, 2019); “Depois podemos vir sempre aqui para a nossa caixa nunca acabar” (C4, 2019).

A realização dessa atividade teve como objetivo as crianças brincarem com materiais que, normalmente, não têm contato no seu quotidiano. Assim, de acordo com Vale (2013), é fundamental proporcionar às crianças,

[...] espaços de brincadeiras menos estruturados, com uma vigilância escondida, onde estas podem explorar materiais, interagir de forma mais livre e autónoma, aprender a lidar com os riscos e perigos inerentes ao espaço e materiais”. (VALE, 2013, p. 12).

Uma outra atividade, realizada ao ar livre, esteve relacionada com a exploração do Cesto dos Tesouros. Essa atividade consiste em “um cesto que reúne e oferece um foco para uma rica variedade de objetos cotidianos, escolhidos para oferecer estímulos a esses diferentes sentidos”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 114). Durante essa livre exploração, foi possível observar o grupo e as suas observações: “Tem cheiros diferentes” (C1, 2019); “Olha esta folha que é diferente” (C4, 2019); “Este pica, mas este é mais fofinho” (C3, 2019).

Como Goldschmied e Jackson, (2006, p. 114) mencionam que esses materiais servem para uma livre exploração, em que as crianças podem trabalhar inúmeras aprendizagens, livremente.

Ao observar a criança com os objetos contidos no cesto, podemos perceber quantas coisas diferentes ela faz com eles, olhando-os, batendo com eles no chão, juntando-os, deixando-os cair e descartando o que atrai ou não. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 114).

Relativo aos sentimentos das crianças, no contato com o exterior, essas demonstravam entusiasmo e, também, a necessidade de ter um contato mais direto com esse meio natural. Nesse momento, foi possível escutar determinados comentários, enquanto brincavam livremente: “Que divertido jogar cá fora” (C5, 2019); “Aqui fora, podemos correr mais” (C3, 2019).

Assim, torna-se importante proporcionar às crianças brincadeiras no espaço exterior que sejam marcadas por momentos de fascínio e exploração junto à natureza, assim, e associado à ideia de mente sã e corpo são. De acordo com o pensamento dos autores, “importa, acima de tudo, criar experiências sensoriais e motoras interessantes, que estarão na base de diversas aprendizagens”. (BILTON; BENTO; DIAS, 2017, p. 28-29).

Ademais, a investigadora observou, também, que

brincam de fazer de conta ao ar livre, com ou sem brinquedos. Nesse espaço, é também essencial que existam estruturas próprias, para que as crianças brinquem e realizem atividades específicas como “baloçar, escorregar, trepar, saltar, ultrapassar obstáculos, etc.” (LINO, 2011, *apud* OLIVEIRA-FORMOSINHO, 2011, p. 121). Por exemplo, enquanto duas crianças subiam as cordas, contavam o número de quadrados existentes na estrutura: “Anda L. sobe 1,2,3,4 e descemos” (C2, 2019); “Conta os quadrinhos que têm, aqui, para subirmos mais alto” (C4, 2019).

Ao abordar a questão sobre a atribuição da importância do brincar por parte dos educadores, realizada através das entrevistas, a educadora do projeto “Play-brincar para crescer” (E1) define que:

O brincar é a função principal da criança e é através do brincar que ela conhece o mundo e a vida. Por isso é que o projeto se chama brincar para crescer, crescer de uma forma equilibrada. (E1, 2020).

A educadora cooperante (EC) defende que o brincar torna-se importante: “[...] principalmente no que se refere à socialização das crianças e às aprendizagens que desenvolvem entre si”. (EC, 2019). Na mesma linha de pensamento, os dois autores salientam que o brincar torna-se um excelente meio para estabelecer e fortalecer as amizades e a inclusão nos grupos aos quais pertencem, pois uma grande parte das suas ações sociais parece ocorrer, durante o brincar (FERREIRA; MISSE; BONADIO, 2004, p. 197).

Já no que se refere à fundamental questão de que a brincadeira no espaço exterior desenvolve todas as áreas de aprendizagem, a educadora do “Play-brincar para crescer” salientou que:

[...] por excelência, ao nível da socialização. E todo o resto, o conhecimento do mundo, das expressões, nas áreas mais intelectuais de matemática e português. Porque a natureza oferece-nos os recursos todos. Nós, quando vamos para a floresta, levamos uma mochila cheia de pincéis, lápis, canetas, livros, usamos o chão como folha de desenho e desenham com paus e folhas. Acabam por desenvolver todas as áreas. Principalmente a área social, porque é preciso muita colaboração para estar em contexto natural, porque a floresta tem obstáculos. E, como o grupo é heterogêneo, os mais velhos ajudam sempre os mais novos em todos esses obstáculos. (E1, 2020).

Com a mesma opinião, a educadora do projeto “Brincar fora de portas” (E2) afirma que no seu espaço,

[...] não os incitamos a fazer coisas, eles é que escolhem e nós vamos ao ritmo deles. Nós achamos que a educação dos sentidos é o principal. Fazemos a horta para verem como as coisas se desenvolvem. Eles cozinham conosco. Tudo depende das

experiências que eles querem viver. Exploraram as texturas e os cheiros dos alimentos. Não temos uma organização do dia fixo. Tentamos sempre estar mais tempo possível ao ar livre. Reutilizamos tudo, arranjamos e criamos uma série de materiais com eles. Claro que, às vezes, achamos que é necessário realizar atividades mais orientadas, para tentar organizá-los e equilibrá-los. (E2, 2020).

A educadora cooperante também evidencia a importância do contato com o exterior, referindo que: “A criança, ao brincar no exterior, pode contactar e explorar vários materiais, novas aprendizagens que são fulcrais para o seu desenvolvimento” (EC, 2019). Levando em consideração as palavras de Ferland (2006), brincar ao ar livre é muito importante na infância e possibilita às crianças novas experiências que seriam quase impossíveis de serem realizadas num espaço interior.

No que concerne à questão direcionada para o brincar, como um meio de aprendizagem, podemos afirmar que essas crianças aprendem brincando. É perceptível que as brincadeiras sejam todas realizadas ao ar livre, podendo-se também afirmar que as crianças têm uma grande carência de realizar atividades ao ar livre e entrar em contato com outros materiais.

Como já foi mencionado, os registos estiveram também presentes, uma vez que foram de extrema importância para a observação realizada pela estagiária. Através desse instrumento metodológico, foi possível dar resposta a um dos objetivos mencionados, perceber qual o impacto da brincadeira ao ar livre no desenvolvimento global da criança. Foi perceptível que as crianças, quando realizam algum tipo de atividade ao ar livre, por vezes, ainda que o grupo fosse dividido em dois, já que se tratava de crianças de três anos, foi notória a diferença com as atividades dentro da sala. Nas atividades realizadas no exterior, existia uma maior concentração por parte das crianças, elas sentiam-se mais motivadas e as atividades tornavam-se mais dinâmicas. Era possível observar a satisfação de cada uma na exploração do exterior.

Assim, brincar de forma livre e prazerosa permite que a criança seja conduzida a uma esfera imaginária, um mundo de faz de conta consciente, porém “capaz de reproduzir as relações que observa no seu quotidiano, vivenciando simbolicamente diferentes papéis, exercitando sua capacidade de generalizar e abstrair (MELO; VALLE, 2005, p. 45).

Salienta-se que essa atividade foi sugerida pelo grupo, que apresentava uma necessidade de explorar e brincar ao ar livre. Dessa forma, é possível perceber o quão é importante o contato com a natureza e a maneira como as crianças se relacionam com o espaço e com todos os materiais, que lhes proporcionam

inúmeras aprendizagens. “Esse contato com diversos materiais, [...] faz com que [elas] explorem e manipulem de formas pessoalmente significativas e adequadas ao seu nível de desenvolvimento individual”. (POST; HOHMANN, 2011, p. 115).

Durante a livre exploração, foi possível observar o grupo e os seus comentários satisfatórios ao explorarem, contatarem, construir materiais aos quais não estão habituados. Os autores acima afirmam que esses materiais servem para uma livre exploração. As crianças podem trabalhar inúmeras aprendizagens, livremente, como no Cesto dos Tesouros, que oferece uma rica variedade de estímulos a diferentes sentidos.

No que se refere à definição do brincar, nos dias de hoje, a educadora 1 (E1) salienta que é o essencial na vida de uma criança e para o seu desenvolvimento. Quanto à importância do brincar, a educadora 1, refere que elas desenvolvem todas as áreas, mesmo que não sejam ao mesmo tempo.

No que concerne à aprendizagem ao ar livre, todas aprendizagens que as crianças podem desenvolver, tanto a educadora 1, como a educadora 2, salientam que, claramente, é possível desenvolver todas as áreas da criança, de forma autónoma, pois cada uma escolhe aquilo que gostariam de aprender e explorar, sem que seja incutida uma área de aprendizagem.

Além disso, foi realizada uma entrevista com a educadora cooperante com a finalidade de dar resposta a um dos objetivos definidos para este estudo: entender de que forma o educador valoriza os momentos de brincadeira ao ar livre, em que a mesma salienta a importância das crianças brincarem, bem como o contato com a natureza. Confirma, ainda, que é a parte mais importante do dia de cada criança, e que ela deve explorar todos os materiais que a natureza lhe oferece e, desse modo, desenvolver as suas aprendizagens, através de novos métodos, além do contexto sala. Através dessa investigação, podemos concluir que, tanto as crianças, como os profissionais de educação, realçam a importância do brincar ao ar livre.

5 Conclusão

Nesta investigação, foi possível analisar e desenvolver os objetivos iniciais e orientadores do estudo realizado. Conforme o propósito, foi possível verificar que, tanto a educadora cooperante da IPSS, como as educadoras com projetos integrados no modelo Forest School, assumem a noção da extrema importância do brincar no desenvolvimento da criança e de todos os seus benefícios, assim como as crianças que classificam o brincar como um ato de liberdade, um ato de carinho, um ato de partilha entre os colegas. Na mesma linha de pensamento, Ferland (2006, p.

86) destaca que brincar é uma via privilegiada para lançar as bases de uma autonomia. Concluímos ainda, que brincar é a forma natural, aonde as crianças se expressam, em que imaginam situações, recriam vivências, explorando o mundo que as rodeia.

No que tange ao brincar como meio de aprendizagem, admitimos que as educadoras de infância consciencializam o brincar como um meio fundamental para a sua aprendizagem, sendo um ato autónomo de cada uma e que, através da sua liberdade, exploram momentos e materiais que lhes despertam e criam oportunidades de aprendizagem. Importa dizer que é, através do brincar que a criança vai construindo o seu conhecimento, pois, enquanto brincam encaram desafios e, por isso, vão à procura de soluções, criando e manifestando toda a sua curiosidade. Dessa maneira, todas as suas brincadeiras criam um elo no processo ensino aprendizagem.

Por fim, no último objetivo desta investigação, salienta-se a importância do brincar em contato com a natureza em que, através dos instrumentos metodológicos, foi possível concluir que o exterior traz importantíssimos benefícios no desenvolvimento das crianças em todos os níveis. Embora seja uma aprendizagem ainda não muito desenvolvida nos jardins de infância, em Portugal, as educadoras, que desenvolvem projetos de aprendizagem ao ar livre, lutam pela grande importância do contato com a natureza, e valorizam todos os momentos no exterior e todas as aprendizagens que isso lhes permite. Assim como a educadora cooperante que apresenta um discurso, em que salienta essa importância, mas considera que existe uma percentagem de tempo escassa para esses momentos, ainda que sejam de extrema importância para desenvolver as competências nas crianças.

Ainda, através da observação das crianças, complementamos que, ao ar livre e no contato com a natureza, sentem-se realmente livres e felizes, exploram tudo o que lhes desperta interesse: cheiros e texturas. Elas descobrem tudo aquilo que as rodeia. Assim, conseguem, de forma autónoma ou de forma direcionada, desenvolver competências articuladas para o seu desenvolvimento em todos os níveis.

O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações. (SILVA *et al.*, 2016, p. 27).

No que concerne a importância do brincar no

desenvolvimento das crianças, no exterior, esse promove a exploração, tornando-se essencial que os educadores de infância reconheçam a criança como aprendiz ativo da sua aprendizagem.

Assim, podemos concluir que são várias as vantagens que decorrem do brincar na vida da criança. Torna-se fundamental que os educadores de infância e a equipe pedagógica reconheçam o espaço ao ar livre como potencializador de desenvolvimento e aprendizagem. Desse modo, “inovar a pedagogia passará por oferecer diversas oportunidades ou experiências de aprendizagem”. (BENTO; PORTUGAL, 2016, p. 99). O educador deverá construir espaços e atividades, de acordo com os interesses das crianças e aquilo que realmente as desafia e motiva.

As crianças mostraram que o brincar é muito mais que desenvolver atividades que gostam; mas sim estar com os “amigos”. Verificamos que brincar é fortalecer as relações sociais, é partilhar ideias, é resolver problemas, é ser amigo, é comunicar, é desenvolver a autoestima e é, acima de tudo, saber estar.

O espaço ao ar livre é referido como sendo o local preferido das crianças para brincar e, onde têm a oportunidade de desenvolverem as suas aventuras preferidas. Ali, podem descobrir e explorar coisas novas e, acima de tudo, ter um contato com a natureza. Isso é importante para o desenvolvimento da criança, tanto em nível físico como cognitivo, melhorando, assim, o seu bem-estar, uma vez que o ar não é saturado como dentro de quatro paredes.

Por fim, a presente pesquisa permitiu contemplar as vantagens de uma investigação-ação como forma de compreender e melhorar a realidade, procurando estratégias para a resolução de desafios, associados ao contexto educativo, de forma que os profissionais refletissem e permitissem, também, o desenvolvimento de novas práticas, tendo em conta a pedagogia ativa no jardim de infância.

Referências

AIRES, L. **Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional**. Lisboa: Universidade Aberta, 2011.

ALTER, A. **How nature resets our minds and bodies**. 2013. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/health/archive/2013/03/how-nature-resets-our-minds-and-bodies/274455/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BAGNOLI, A.; CLARK, A. Focus groups with young people: a participatory approach to research planning. **Journal of Youth Studies**, v. 13, n. 1, p. 101-119, 2010. DOI: 10.1080/13676260903173504.

- BENTO, G.; PORTUGAL, G. Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 72, p. 85-104, 2016. DOI: 10.35362/rie72037.
- BILTON, H.; BENTO, G.; DIAS, G. **Brincar ao ar livre: oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de pontas**. Porto: Porto Editora, 2017.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BYRNE, J. Biophilia. In: COHEN, N. (ed.). **Green Cities: an A-to-Z guide**. Thousand Oaks: SAGE, 2010.
- COCHITO, R. P. A natureza como espaço educacional: oportunidades para a infância. **Colloquium Humanarum**, v. 13, p. 94-100, 2016. DOI: 10.5747/ch.2016.v13.nesp.000818.
- CLARK, A.; STATHAM, J. Listening to young children: experts in their own lives. **Adoption & Fostering**, v. 29, n. 1, p. 45-56, 2005. DOI: 10.1177/030857590502900106.
- CORREIA, D. A. **A brincar e a aprender**. 2013. 55 f. Relatório de Estágio (Mestrado em Educação Pré-Escolar) - Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, Porto, 2013.
- FERLAND, F. **Vamos brincar?: na infância e ao longo de toda a vida**. Lisboa: Climepsi, 2006.
- FERREIRA, D. O direito a brincar. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 90, p. 12-13, 2010.
- FERREIRA, C.; MISSE, C.; BONADIO, S. **Brincar na educação infantil é coisa séria**. Akropolis: Umuarama, 2004. p. 222-223.
- FLICK, U. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman Artmed, 2009.
- FRANCO, M. **Movimento Bloom**. Lisboa: Forest School, 2018. Disponível em: <http://www.movimentobloom.org.pt/pt/>. Acesso em: 15 fev. 2019.
- GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos: atendimento em creche**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- GOMES, B. A importância da criança do brincar no desenvolvimento. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 90, p. 46, 2010.
- HANSCOM, A. **Descalços e felizes: como a brincadeira ao ar livre promove crianças fortes, confiantes e capazes**. Lisboa: Horizonte, 2018.
- HOHMANN, M.; BANET, B.; WEIKART, D. **A criança em acção**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 90, p. 4-7, 2010.
- MÁXIMO-ESTEVEES, L. **Visão panorâmica da investigação-acção**. Porto: Porto Editora, 2008.
- MELO, L.; VALLE, E. O brincar e o desenvolver no desenvolvimento infantil. **Psicologia Argumento**, v. 23, n. 40, p. 43-48, 2005.
- MORGAN, D. **Focus groups as qualitative research**. Thousand Oaks: SAGE, 1997.
- NEVES, M. I. **Supervisão e formação de profissionais de educação reflexivos: estudo de um caso num estágio de um curso de formação inicial de educadores de infância**. 2016. 469 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016.
- OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. **O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação**. Porto: Porto Editora, 2011.
- PARENTE, C. Avaliação: observar e escutar as aprendizagens das crianças. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 89, p. 34-37, 2010.
- POST, J.; HOHMANN, M. **Educação para bebés em infantários: cuidados e primeiras aprendizagens**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- SILVA, L. I. *et al.* **Orientações curriculares para a educação pré-escolar**. Lisboa: Ministério da Educação: Direção Geral da Educação, 2016.
- SOUSA, M. J.; BAPTISTA, C. S. **Como fazer investigações, dissertações, teses e relatórios**. Lisboa: Pactor, 2011.
- VALE, M. Brincadeiras sem teto. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 98, p. 11-13, 2013.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. (org.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Cone, 1978, 58 p.
- WILLOUGHBY, M. **Outdoor play matters: the benefits of outdoor play for young children**. Dublin: Barnardos, 2014.